

RESENHA

KUCINSKI, Bernardo. **K.** São Paulo: Expressão Popular, 2012.
2ª edição. 184 p.

Narrar o luto. Resistir ao esquecimento...

TIAGO DE OLIVEIRA*



O romance *K.*, do jornalista Bernardo Kucinski, narra os caminhos percorridos por um pai, o personagem K., em busca de sua filha “desaparecida” durante a ditadura civil-militar brasileira. Logo no início surge a advertência “*Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu.*” O que expõe de maneira direta os vínculos da narrativa com o real, nosso passado recente. Trata-se do “desaparecimento” em 1974 de Ana Rosa Kucinski, irmã do autor, e de seu companheiro, ambos militantes da Aliança Libertadora Nacional (ALN), uma das principais organizações armadas que combateram a ditadura.

Embora exista um apego, um desejo, ainda que subentendido, expresso na frase mencionada, de ressaltar “*o que de fato aconteceu*”, o que confere a obra um intuito de denúncia do recente período de exceção, as escolhas do narrador para a composição da estrutura narrativa (a invenção), revelam uma sofisticada elaboração literária. Característica que distingue *K.* dos outros romances de tons políticos, publicados a partir da segunda metade da década de 1970, tais como *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós (1977); *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira (1979) e *Os que bebem como cães*, de Assis Brasil (1975). Estes romances, bem como outros que se seguiram, caracterizaram-

se pela resposta literária ao que esteve oculto pela censura.

O *leitmotiv* de *K.* é a busca frustrada do pai por sua filha, a busca por informações, a busca por ajuda. Imigrante judeu, foragido da Polônia devido à perseguição política, que se acirra no contexto dos preparativos da 2ª Guerra Mundial, o personagem K. comerciante do bairro Bom Retiro, vê sua vida transformada pela circunstância da perda de sua filha. Abandona suas atividades no círculo literário de estudo da língua iídiche, engaja-se na campanha dos familiares de presos e desaparecidos políticos; viaja à Londres, estabelecendo contato com a Anistia Internacional, para Nova York, contatando o American Jewish Committee; nessa busca recorre aos informantes dos órgãos da repressão e outros colaboradores da repressão, como o médico que participava no auxílio às sessões de tortura. Tudo em vão, nenhuma informação sobre o que aconteceu com sua filha, como morreu e onde está seu corpo.

Intercalado e muitas vezes sobrepondo-se aos fragmentos narrativos da personagem K., unem-se fragmentos de outros protagonistas dessa história. A bricolagem dos fragmentos tecem uma narrativa que permite ao leitor contextualizar, via experiência literária, o denso clima que envolveu os

familiares de presos e desaparecidos políticos. É através desses fragmentos também que emergem os tentáculos da cultura repressiva do regime militar, não só os mais evidentes, vinculados a repressão, mas também a sua face civil de colaboração, os momentos de silenciamento quando era preciso gritar. Ganha relevo, nesse aspecto, a narrativa da demissão da filha de K., professora universitária, do Instituto de Química da USP, por seus pares (?) em uma reunião da congregação do instituto. O motivo alegado? Abandono do posto de trabalho. Quando se sabia que sua ausência era pelo seqüestro, tortura e assassinato, perpetrados pela ditadura.

Sem ser a tônica dominante do romance, a luta armada, ou o balanço da luta armada, também está presente. Um dos fragmentos é uma carta destinada à Klemente, referência ao guerrilheiro Clemente, Carlos Eugênio Paz, militante da ALN e um dos sobreviventes da luta guerrilheira. Nesta, questiona-se os rumos e sentidos da luta armada e a dinâmica que assumiu após as seguidas quedas, que culminou na prática dos justicamentos militantes. Tema ainda tabu entre as esquerdas, mas que volta e meia é levantado de maneira oportunista pelos militares.

Para além desses aspectos destacados, outro elemento muito importante para ser mencionado, e que, salvo engano, a obra de Kucinski torna-se pioneira ao abordar, é a difícil experiência de luto dos familiares de desaparecidos políticos. A impossibilidade de ritualizar a passagem do luto, a impossibilidade de enterrar os seus mortos. Sem esperanças de encontrar a filha com vida, K. volta-se para a tentativa de encontrar seus restos mortais, sem sucesso. Ainda assim, tenta simbolizar sua perda com uma *matzeivá*, a lápide colocada pelos judeus após um ano do sepultamento. Impedido pelo rabino elabora um pequeno livro de memórias a filha, para distribuir à família e amigos, no entanto, não consegue imprimir na gráfica, o dono recusa o trabalhar, ao ver o livreto como subversivo.

Em tempos de *Comissão Nacional da Verdade*, onde a lei de anistia não será revista, nem os torturadores serão punidos, o livro de Kucinski é uma importante contribuição para a memória coletiva sobre a ditadura civil-militar. Como disse Dom Paulo Evaristo Arns “*para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça*”. Nunca mais!

Recebido em 2013-09-07
Publicado em 2013-12-11

* **TIAGO DE OLIVEIRA** é graduado em Ciências Sociais pela UNESP-Araraquara, atualmente desenvolve pesquisa sobre a história do trotskismo no Brasil na década de 1970 no programa de pós em História Contemporânea da UFF-RJ.